

504

1º Anno



Lisboa 6 de Dezembro de 1895.



EDUARDO BRAZÃO

# Eduardo Brazão

Eduardo Brazão é uma das mais bellas organizações artisticas do nosso theatro. Actor moderno na verdadeira acceção da palavra, espirito perfeitamente formado para a arte, intelligencia superiormente cultivada pelo estudo do theatro e dos mestres, Brazão possui como poucos a verdadeira sciencia scenica.

Não pretendemos fazer a biographia d'este distincto artista.

E' tarefa demasiadamente pesada para os nossos modestos recursos. Como hoje, mais do que nunca, lamentamos a falta de faculdades para este genero de trabalhos! Ah, que se tivéssemos o estylo elevado de Pinheiro Chagas, a observação de Camillo, o criterio d'Eça de Queiroz, e o talento de todos elles, que bello assumpto e que esplendido artigo produziamos!

Brazão é entre nós a melhor affirmacão do do que pôde o talento, quando acompanhado de perseverança no estudo e d'uma grande força de vontade.

N'um artigo, do fallecido Garvasio Lobato, publicado em 1875, dizia o espirituoso escriptor: «que Brazão teve ao alvotecer da vida o osculo d'uma rainha» e depois de descrever o facto succedido com este actor quando ainda creança, e que é de todos conhecido, termina: «A que ia ser rainha osculou aquelle, que estará talvez fadado, a ter a realza da scena.»

E a prophécia do malogrado escriptor realisou-se.

Não sabemos ao certo em que theatro e em que peça debutou. Quando em 1867, abriu o theatro da Trindade, com o drama de Ernesto Biester. *Mãe dos pobres*, apresentava Brazão n'essa peça um pequeno papel ao lado de Fasso, Isidoro, Joaquim d'Almeida, Queiroz e Bayard; e das actrices, Emilia Adelaide, Delphina, Rosa Damasceno, Lucinda Simões (que fazia n'esta peça o seu debute) Marianna Ferraz e Emilia dos Anjos, hoje retiradas. N'este mesmo theatro representou as *Pupilas do sr. reitor* de Julio Diniz (Goias Coelho), *Flor de chá* e *Barba Azul*. Em 1868, figurou no theatro de D. Maria, onde desempenhou 30 papeis em diferentes peças. Voltando novamente a Trindade, ahí representou em 1870 a *Visão do Redemptor* e outras.

Esteve no theatro do Gymnasio onde teve um verdadeiro successo n'uma comedia o *Fura nidas*.

Como não queremos seguir passo a passo a carreira d'este glorioso artista, limitamo-nos a dar os nomes d'algumas das principaes peças em que figurou em papeis mais ou menos importantes, até 1875, anno em que representou pela primeira vez em Lisboa o *Kean*, que Rossi havia desempenhado n'esta capital em 1868.

Sabemos das seguintes: *Pae prodigo*, *Tartufo*, *Morgadinha de Valsflor*, *Fidalgas da casa mourisca*, *Engatados*, *Bobo*, *Dora*, e outras. O nome de Brazão foi sempre considerado, pelo metucioso cuidado que punha sempre na interpretação dos diferentes personagens. Desde 1878, porém, é que o seu nome, começou a ser invocado com respeito pelos que prezam a arte e a rivalisar com os melhores, tanto nacionaes como estrangeiros. Desde essa epocha os seus triumphos, contam se pelo numero das creações.

Que largos horizontes se abriram a sua phantasia genial, com que bella intuição artistica, com que maravilhosa naturalidade, nos tem entusiasmado, subjugado mesmo com o seu enorme talento!

Na multiplicidade e diversidade das creações scenicas de Brazão, está grande parte da sua gloria.

Como vemos passando frente dos nossos olhos, toda essa vasta galeria de personagens,



EDUARDO BRAZÃO NO HAMLET

de caracteres e typos diferentes, a que elle tem dado a vida da scena com a sua grande alma d'artista.

A figura taciturna e sonhadora, d'esse hysterico e sombrio Hamlet...

O distincto duque d'Aleria, estouvado fidalgo, coração d'anjo.

Afonso vi, o desditoso monarcha, a quem desterraram roubando-lhe a coroa e a mulher.

A figura alva e grandiosa de Othello, leão ennamorado que nos enche de pavor com sua voz potente e resonante, como um clarim de guerra.

O simplorio *Bibliothecario*, sempre carregado com a sua mala e o inseparavel guarda chuva.

O bom portuguez, patriota sublime, no Alfacame de Santarem.

O bom velho adoravel na sua simplicidade rustica, nos Velhos.

D. Fernando, o principe formoso e bom, que um fatal amor levou até ao aviltamento, e que já coma morte nos labios, ainda supplica amor, á impudica Leonor Telles. E' admiravel o desenho d'este personagem.

O amor da patria, admiravelmente interpretado no Severo Torelli, aquelle severo adolescente educado no odio ao tyranno e que sente horror por si propiao ao saber-se filho do terrivel despotista!

O bondoso rabino, alma ingenua, constantemente trocado pelo amigo Fritz.

A fidalga figura de D. Fuas, com as suas tiradas quixotescas, *Por minha dama*.

A elegante envergadura do dramatico Loris Ipanoff, na *Fedora*.

O Duque de Vizeu, fidalgo amoroso, ardendo no fogo da vingança, contra o despotico monarcha e ás suas proprias e regias mãos assassinas.

O bom Padre da *Madrugada* que converteria á religião christã todos os infieis, só com a admiravel recitação d'aquelle sublime Padre Nosso.

O ambicioso e hypocrita *Mousenhon*, egoista e máo.

O correcto Marquez de Crevide no *Intimo*.

O arruimado rapaz da *Santa Umbelina* que todo entregue ás delicias d'um amor burguez se deixa enleiar nas vaporosas teias d'um amor ideal.

Especie de bacharel Ramires E... para que citar mais se em todos é igualmente artista com o seu portentoso poder de incarnar os personagens.

Poderíamos ainda citar: *Rogério Laroque*, *N'guvo*, *Estrangeira*, *Drama no fundo do mar*,

*Os Castros*, *Estrada de damasco*, *A Morta*, *A Irmã*, *Sociedade onde a gente se aborrece*, e outras.

Brazão nunca encontrou difficuldade que não superasse. E' d'aquelles artistas que os applausos estimulam e que não adormece sobre os louros colhidos.

Estamos certos que brevemente o veremos metter hombros a algum novo trabalho de *Mestre* e de que sairá mais uma vez victorioso.

Sempre que alguma celebridade estrangeira apparece na scena portugueza, a sua passagem reduna em favor dos nossos artistas. Quando ha annos Coquelín nos visitou e fez o *Tartufo*, foi que Lisboa se convenceu do talento enorme de Santos. Mais tarde foi Augusto Rosa, no *Parisiense* e *D. Cesar de Bazan*, que levou de vencida o actor francez. Hoje é a Brazão que o publico sincero, o publico independente faz justicia em *revanche* dos applausos cegos concedidos a um artista que, se não era inferior, não merecia comtudo a adjectivação encomiastica com que o acolheram aquelles, que não atreditando que nós, em Portugal possamos ter alguma cousa de bom, se derretem em blandicias, diante de toda a fanqueria que nos exporta o estrangeiro.

O que deixamos escripto representa, não um elogio ao artista, mas um tributo de justiça, prestado pela nossa modesta admiracão pelo genial actor que honra a scena portugueza e se chama — Eduardo Brazão.

*Alves.*

## OTHELLO E HAMLET

Na impossibilidade de dar, como desejavamos, uma apreciação dos principaes trabalhos do notavel artista, a quem temos a honra de dedicar este numero, limitamo-nos a apresentar uma resenha, extrahida dos nossos apontamentos, das duas peças mais importantes que se tem representado em theatro portuguez — *Othello* e *Hamlet* — com o retrato do talentoso artista n'esta ultima.

### OTHELLO

Foi esta tragedia representada pela primeira vez em portuguez em 1882.

Muito se fallou do desempenho d'esta peça. Houve quem achasse notavel a interpretação do famoso Othello por Brazão, e houve

quem a achasse mediocre. No que porém todos foram unânimes foi em elogiar o artista, por ter mettido hombros a tão arrojada empreza, a que actor algum se tinha jámais abalançado.

Foi, pois, um grande acontecimento.

O *Othello* em portuguez fez rir desdenhosamente muita gente boa. Pois Brazão teria lá forcas para arcar com as responsabilidades collossaes d'essa interpretação?

Pois teve, e provou de que rija tempera era a sua compleição artística. E se nos não apresentou um *Othello* isento de defeitos, tambem não amesquinhou a grandeza epica do personagem, fez scenas admiravelmente, respeitadas a escola e a tradição. Estudou com consciencia a obra shaksperiana desde os mais pequenos detalhes até ás scenas mais culminantes.

Nos primeiros actos fez um *Othello* nobre e alto, imponente na sua magestade de guerreiro, conscio do seu valor e seguro do amor da sua bella Desdemona.

A bella sonoridade da sua voz ora altiva e dominadora, ora meiga e cariciosa, teve sempre a inflexão apropriada.

Quando porém o venenoso reptil Iago, começa a inocular-lhe na alma ingenua e impetuosa, a peçonha do ciúme e a tempestade começa a bramar dentro do peito agitando-lhe o coração, é que a sua voz patenteou com rugidos de leão, colhido em covarde armadilha, o estado medonho do coração do Mouro!

A dor cruciante do ciúme, a colera, o desespero quando se julga traído pela mulher que adora, tudo isto era descrito admiravelmente pelo actor. A sua voz então ora ecoava como o ribombar do trovão ora tomava o tom plangente d'uma ballada ao recordar-se dos encantos da sua adorada Desdemona.

A sua entrada no quarto que o ciúme vai transformar em camara mortuaria era indcriptível.

Era uma das scenas que mais funda impressão nos causava.

As mãos crispadas, o olhar vago e incerto, o andar vacillante e a forma porque recitava o monologo antes de se dirigir á victima, tudo isto tinha sido admiravelmente estudado e comprehendido pelo artista.

A scena da morte de Iago e o suicidio, eram feitas com uma verdade terrivel.

No estudo e na execução d'este personagem, teve o actor ainda a lutar com seu physico, talvez uma das maiores difficuldades.

HAMLET

Subiu á scena no palco do normal em 1887. Não é mais facil de interpretar esta tragedia do grande Shakspeare. Antes é muito mais difficil por ser mais estranha, mais phantastica a figura do protagonista.

Sucedeu com esta peça o mesmo que com o *Othello*; muitos anteviam um fiasco e temos presente uma critica d'essa epocha em que o proprio critico confessa que tendo visto o personagem interpretado em França por *Moumet Sully* «a tentativa de Brazão, só conseguiu despertar-lhe um sorriso de mal disfarçado desdém, e que fora para D. Maria, com a vontade de fazer um confronto que anticipadamente lhe parecia desastroso» pois este mesmo critico escreve lealmente, que applaudiu calorosamente o artista portuguez e que scenas houve, talvez mais artisticamente feitas, e de efeitos mais completos que os que tirava o celebre actor francez.

*Brazão* fez um Hamlet sonhador, pensativo. A scena com Ophelia é um primor; na scena com os comediantes tem uma admiravel transição que era sempre coroada com uma salva de palmas. A scena da representação do *Assassinio de Gouçaga* é um modelo de observação; na scena com a mãe, é grande, a figura cresce-lhe e subjugua pela vigorosa accentuação da incriminação. É lugubre e causa pavor o dialogo com o cozeiro no ultimo acto, e na scena com o irmão de Ophelia, é viril; e endireitando a alquebrada figura, a voz tonia uma accentuação firme quando o interpellia.

Nunca vimos representar assim e fechamos estes dois pequenos artigos, fazendo votos para que Brazão volte a representar estas duas peças, para mais uma vez termos o praser de o applaudir.



ALEXANDRE DUMAS

*Les Dieux s'en vont.* A implacavel foice da morte, vae pouco a pouco arrebatando, todos estes colossos da ideia que pertencem a todos os paizes porque, se constituem a gloria d'aquelles onde nasceram, são igualmente queridos e admirados em todos os paizes cultos. Alexandre Dumas pertence a este numero. Que enorme vacuo, deixa o baquear de cada um d'estes gigantes! Cada um que se extingue vale por seis dos que ficam. A Dumas chamaram-lhe o mestre do theatro. E com effeito, ninguém como elle possuia o segredo de levantar uma plateia. Se não era um observador como Angier era um philosopho sustentando e defendendo nas suas comedias as theses mais audaciosas.

Foi profuso, e o seu theatro é dos mais variados, seguindo invariavelmente nas suas produções o mesmo thema *A mulher*, sobretudo a peccadora; e não ha nenhuma que não deva preantear a estas horas, a morte do author da *Dama das Camélias*.

«Se vires a mulher cahida, levanta-a.» Não perdoava porém á adúltera. Mata-a, e sustentava e defendia a sua opinião com calor, como provou no *Homem-mulher*.

Se uma mulher commette inconscientemente uma falta deve perdoar-se-lhe. Ideia primorosamente desenvolvida na *Denise*. Foi um verdadeiro apostolo do Amor, partisse elle de que meio partisse, para elle o amor elevava, ennobrecia toda a vez que a mulher fosse pudica; a que o não era, flagelava-a com o seu desprezo como no *Demi-Monde*.

Discutiu no emtanto todas as questões do seu tempo: o divorcio, a educação da mulher, a investigação da paternidade, etc.

Tinha em si essa força imperiosa e dominadora que se chama *Vontade*.

A audacia e a originalidade foram a grande força do seu espirito.

Todas ou quasi todas as suas peças foram representadas em portuguez. As nossas actrizes devem-lhe os maiores triumphos e fizeram uma grande parte da sua reputação em peças d'este fallecido escriptor.

*Dionisio, Estrangeira, Ideias de M.<sup>me</sup> d'Auberay, Demi Monde, Supplicio d'uma mulher, Dama das Camélias, Francillon, Marquês de Vilenor de colaboração com Georges Sand.*

*Filho natural, Pae prodigo, Diana de Lys.* E não sabemos se mais alguma foi traduzida e representada em portuguez. Actualmente representa-se em D. Maria o *Amigo das mulheres*. A sua ultima produção foi a *Francillon*, e a primeira a *Dama das Camélias*, em 1852 interpretando *M.<sup>me</sup> Doche* o papel de *Margari-da Gauthier*. A proposito lembra-nos um dito de espirito de Dumas pae. N'um dos intervallos da primeira representação da *Dama das Camélias*, algum encontrando Dumas pae e felicitando-o pelo triumpho do filho, diz-lhe «mas com franqueza, vossê fez alguma coisa para esta peça. Certamente exclama elle, e orgulho-me d'isso: fiz o author.»

Desejariamos muito ver partir dos nossos actores, uma homenagem de sentimento, pela perda do illustre homem de letras francez.

Algumas das peças de Dumas tem sido superiormente representadas em portuguez.

Se fosse possivel, aos nossos artistas, esquecerem por uma noite os seus resentimentos e unidos todos fraternalmente darem uma recita, cuja o producto seria, por exemplo, para a compra d'uma corôa para ser collocada no mausoleu do glorioso escriptor; Seria uma manifestação dignissima que os honraria e tornaria conhecido o nome portuguez na capital do mundo civilisado.

Poder-se-hiam representar 5 actos das suas principais peças: Como *Princesa de Bagdad, Demi Monde, Dama das Camélias, Estrangeira e Amigo das mulheres*.

Ahi fica a ideia.

Para concluir, uma historietta contada por Dumas a respeito da sua odysseia em Hespanha.

«Entrando um dia n'uma posada, encomendou o almoço e enquanto esperava, pediu um jornal.

O estalajadeiro sobe a um banco e tira de uma prateleira um jornal velho e meio esfarapado, entregando-l'ho gravemente.

Dumas pegou no jornal, e sorrindo-se, pergunta-lhe se não tem outro mais fresco. Decerto que não, responde-lhe o estalajadeiro.

Ha 15 dias que o apresento aos meus freguezes e ainda nenhum se queixou.

# A SEMANA

## PREVENÇÃO

A redacção d'este periodico previne o publico que não pede nem aceita bilhetes de favor nem das empresas theatraes nem dos artistas dramaticos; pede mais, a todos os artistas, empregarios ou mais pessoas a quem forem feitos pedidos de qualquer especie em nome de qualquer dos redactores, o favor de avisarem esta redacção para proceder.

A REDACÇÃO.

D. MARIA

### O AMIGO DAS MULHERES

Comedia em 5 actos de Alexandre Dumas, filho, traduzida por D. João da Camara

Soberbo quadro nos apresenta Dumas n'esta peça onde se debatem simultaneamente, o idealismo, a observação, a ingenuidade, o amor e tantos outros sentimentos que dão lugar á these que o auctor nos pretende demonstrar.

Mas uma these justificavel, profundamente moralisadora: as sociedades são o reflexo da familia.

Dumas n'esta peça não recorreu ás scenas de effeito, que fazem saltar o espectador na cadeira, fazendo-o sentir todas as commoções do personagem.

O *Amigo das mulheres* é uma comedia de enredo simples, superiormente escripta, e sendo quanto a mim, o theatro uma instituição cujo seu principal fim é moralisar, só peças n'este genero se deviam escrever e pôr em scena.

Encanta ver decorrer aquelles cinco actos d'uma conversação semeada de fino espirito, que longe de nos fazerem sentir commoções fortes nos retem presos da quietação do *bem estar*.

Atravez a intriga simples mas attraente, como acima digo, apparecem personagens que divertem o publico pelo comico dos seus defeitos physicos, como De Chatrin (A. de Mello), e Leverdet (A. Antunes), que pelo seu amor á sciencia e desprezimento das coisas demasiadamente materiaes, se deixa cahir no ridiculo.

O desempenho d'esta peça satisfaz, attendendo a que a transição completa da escola romantica, para a realista, será difficil.

E esta peça pertence ao numero d'aquellas que só lhe convém uma dicção naturalissima, sem esses exaggeros a que outros chamam colorido.

Não quero dizer com esta observação, que os principaes artistas que a desempenharam, estejam viciados no romanticismo, porém este genero de peças, exige repito, grandes qualidades de *discreto* e, o que é mais, muitissima observação da vida real e da sociedade que se quer interpretar.

Foi, a meu ver, esta ultima qualidade que faltou no desempenho d'esta peça.

Augusto Rosa, encarregou-se do papel de *De Ryons*, o *confidente das mulheres*, consolando-as quando abandonadas pelo amante, tornando-se o seu conselheiro; salvando-as do abysmo da primeira falta, em que estão prestes a resvalar, como *Jane Simerose* (Rosa Damasceno), n'esta comedia, uma mulher idealista, que no amor repelle com repugnancia, o desejo da carne, por opposição á sua ideia chimerica do amor platónico.

No proximo numero publicamos o retrato da distincta actriz — Rosa Damasceno.

O amor como *Jane Simerose* o comprehende não admite o *instincto bestial* e tão pura é e tão idealista, que quando na alcova nupcial, *M. de Simerose* (J. Rosa) lhe pede o tributo do seu amor, *Jane* prefere fugir a sacrificar a sua virgindade.

*M. de Simerose*, procura uma amante e *Jane* conhecendo a infidelidade do esposo, (se infidelidade se pôde chamar) separa-se diffinitivamente.

*De Simerose* não comprehende aquelle excesso de pudor, mas ama sua mulher procurando todos os meios de a conduzir ao lar conjugal.

São infructiferos os seus esforços, pois procurando-a em sua casa, não consegue mais que tornar a propectorá d'uma creança, seu filho ao qual deixa toda a sua fortuna, que será administrada por *Jane* durante a menoridade da creança.

Não conseguindo persuadir sua esposa, já elevada pelas idealistas declarações amorosas de *De Montegre Simerose*, resolve partir para uma longa viagem.

*De Montegre* (*Luiz Pinto*) julga cada phantasia do seu coração ser o seu principio amor offerecendo a cada nova amante e interminavelmente a sua vida em holocausto ao amor, *Jane* idealista como é, aceita as declarações e protestos amorosos de *De Montegre*, offerecendo-lhe unicamente o amor sonhado nas regiões do ideal.

*De Montegre* é ciumento e a cada momento se revela o amante desejoso do contacto carnal, o que poria em risco a honra de *M.<sup>me</sup> Simerose* senão fosse a providencial protecção de *De Ryons*, que tudo adivinha e para tudo encontra remedio.

*M.<sup>me</sup> Simerose* deseja visitar sem que ninguém o suspeite, o filho de seu esposo, porém *De Montegre* ciumento como *Othelo*, expia-lhe os passos, tendo *Jane* de se valer da casa, d'uma sua amiga, que tem duas sahidas para escapar á perseguição.

Conhecedor *De Montegre* do ardil da mulher que ama, exaspera-se, procura *Jane* e notando a assiduidade de *De Ryons* insulta *M.<sup>me</sup> Simerose* dando-lhe *De Ryons* por amante. *Jane* revolta-se com o insulto e vê cahir por terra toda a sua illusão do amor ideal.

*De Ryons* aproveita esta nova phase, para trazer *Jane* ao bom caminho, restabelecendo o lar conjugal.

Para fazer a comedia e justificar o que deixamos escripto, movem-se ao redor d'estes, outros personagens como *M.<sup>me</sup> Leverdet* (*E. Lopes*), contraposição de *Jane*, *M.<sup>me</sup> Hachendorf* (*Bees'lind*) á procura d'um homem sufficientemente honesto, sem o ter ainda encontrado; *De Chatrin* que tudo sacrifica ao amor, inclusive ás proprias barbas.

Augusto Rosa agradei-nos, interpretando o seu personagem d'uma maneira distincta; porém notei-lhe a falta de observação d'este personagem.

Apresentou um *De Ryons* frívolo de mais.

Tal, qual eu comprehendo este personagem, encarna-se n'elle o philosopho e o moralista convicto do bem que quer propagar; e *Augusto Rosa*, na minha opinião, não deu este lado typico de personagem.

*Rosa Damasceno* cahe no mesmo erro — a falta d'observação.

Nos primeiros actos não julguei *Jane Simerose* a mulher tão pura que nos apparece no quarto acto.

A que attribuir esta impressão senão á falta de observação?

Apezar isto agrada a maneira porque *Rosa Damasceno* diz o seu papel, tendo algumas phrases si periormente ditas.

*Luiz Pinto*, que toda a imprensa defende, não tem recursos nem dotes physicos para arcar com tal responsabilidade. Poderme-hia ter agradado se tivesse dito pelo menos o seu papel correctamente.

Mas nem isso fez e se se não emendar de esse erro, dentro de pouco tempo impossivel será ouvil-o declamar.

Não defendo este artista, mas mal intencionada andou a empresa entregando nas mãos do novel actor, ainda que com algumas disposições, um personagem, que só poderá ser bem interpretado por um grande actor.

E' dos personagens reaes, que só grande

somma de observação e bom jogo phisionómico, podem fazer brilhar.

*João Rosa* apresentou apresentou um typo distincto e embora o seu papel seja d'acção muito restricta, foi o que mais me agradou.

*Augusto de Mello* encarnou-se n'um personagem comico e confesso, fez-me rir, agradando-me o seu trabalho.

*Augusto Antunes* traz uma bella cabeça, mas um scientifico como *Leverdet* precisa mais compositura.

*Emilia Lopes* discretamente *Delphina* encarregou-se da filha dos *Leverdet*.

Não me agradou a maneira como desempenha este personagem.

Entendem que para reproduzir a ingenuidade infantil basta saltar e berrar, e foi o que *Delphina* fez.

Os restantes discretamente.

## THEATRO EXTRANGEIRO

### COMEDIE FRANÇAISE

#### LE FILS DE L'ARÉTIN

Drama em 4 actos, em verso, de Mr. H. de Bornier

Mr. Sarcey chama-lhe drama thesé, pois que o fim principal do auctor é provar uma verdade physiosophica, dispondo e combinando os acontecimentos para a demonstração d'esta verdade. Quando a prova está feita o drama está terminado.

A falta de espaço não nos permite dar o argumento d'esta peça. O desempenho, na opinião do auctorisado critico, não é o que deve ser n'um theatro como a Comedia Française. Para adivinhar, mais que para ouvir o proprio Mounet Sully, diz o critico, via-se obrigado a applicar o ouvido, isto á quasi ao fim do 3.<sup>o</sup> acto. Dos outros actores chega a dizer que alguns parece que *ladram* metade dos versos!

D'estes criticos é que fazem falta por cá.

### ANNA PEREIRA

Corre, não sabemos com que fundamento, que a empresa que actualmente explora o theatro da Trindade, vae escripturar esta eximia actriz.

Não acreditamos, pois parece-nos que a empresa d'este theatro não está disposta a fazer arte, porém, se o boato se confirmasse, era caso para felicitar-mos o publico, ainda que a nossa opinião seja ver a eminente actriz em D. Maria, onde tem o seu lugar ao lado dos principaes artistas.

### PRINCIPE REAL

Sabbado, 7, primeira representação, n'este theatro, do drama *D. Ignéz de Castro*.

Activam-se os ensaios da *Carvoeira*, que em Paris obteve grande successo; segundo nos consta, a empresa não se poupa a despesas e trabalho para pôr em scena esta peça.

Que não esmoreçam no seu proposito, é o que desejamos.

## OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILLUSTRADO

COLLABORADOR ARTISTICO

JULIO ALVES

REDACTOR-GERENTE

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros..... 200 réis  
Avulso..... 20 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a travessa de André Valente, 13.

Editor — Henrique Pinto do Amaral